

MARQUES GOMES



Catalyado, Paquin
~~118 28 154~~ Ed

MANOEL JOSÉ MENDES LEITE

ESBOÇO BIOGRAPHICO



PORTO

TYP. COMMERCIO E INDUSTRIA

29, Rua do Corpo da Guarda, 29

1881

ECA

/LT

19208 *Offee* *Conceição José*
Ferreira da Cunha e Sousa
MARQUES GOMES

REGISTO N.º 3967

MANOEL JOSÉ MENDES LEITE

ESBOÇO BIOGRAPHICO
bibRIA



FUNDO
LOCAL

PORTO

TYP. COMMERCIO E INDUSTRIA

29, Rua do Corpo da Guarda, 29

1881



003967

bibRIA



AO

GREMIO MODERNO
biblioteca
DE
AVEIRO

bibRIA

Em 18 de maio de 1809 nasceu em Aveiro Manoel José Mendes Leite, actualmente governador civil do districto do mesmo nome.

Foram seus paes Bento José Mendes Guimarães e D. Thereza Thomazia Leite. Modesto foi o berço d'ambos, mas se não tiveram avós illustres que lhes legassem um nome aureolado por heroicos feitos, tiveram paes honrados e bons, que lhes ensinaram a praticar obscuramente o bem e a servir a patria com entranhado desinteresse. Bento José Mendes Guimarães foi durante o primeiro quartel d'este seculo não só um dos negociantes mais abastados e considerados da praça d'Aveiro, mas até um dos cavalheiros mais respeitados d'esta cidade pela honradez do seu bello character, que lhe valeu ser chamado successivamente aqui durante muitos annos a desempenhar os mais elevados cargos da publica governança. Desejando dar a seu filho uma educação mais conforme com os seus haveres, do que com a sua profissão de negociante, resolveu habilitar-o com os preparatorios necessarios para entrar na Universidade.

Mendes Leite, havendo frequentado a aula de primeiras letras estabelecida no Convento de Santo Antonio, de que então era professor fr. Joaquim de Santa Rita, principiou a estudar latim nos fins de 1817 com o profundo latinista José Lucas de Souza da Silveira; havendo feito exame d'esta disciplina, estudou logica com o dr. Francisco Ignacio de Mendonça e rhetorica com o padre Manoel Xavier, ambos professores n'esta cidade.

Em outubro de 1824 matriculou-se na Universidade de Coimbra no primeiro anno *juridico*.

Cursava Mendes Leite o segundo anno d'aquella faculdade, em dezembro de 1826, quando, havendo as forças absolutistas do marquez de Chaves entrado em Vizeu e aclamado rei o Infante D. Miguel, o general da provincia Francisco de Paula d'Azeredo, depois conde de Samodães, não podendo por falta de força supplantar a revolta, lembrou-se de appellar para o patriotismo e independencia da mocidade que frequentava a Universidade, e mandou convidar os academicos para se armarem e formarem um batalhão, destinado a defender e sustentar a nobre causa da liberdade ». (1)

O convite do valente general foi accete com o maior enthusiasmo por uma grande parte da academia. O batalhão organisou-se em poucos dias, tal foi o zelo e actividade empregados pelo coronel de cavallaria e deputado Antonio Pinto Alvares Pereira. Ainda assim só se alistaram os academicos cujos sentimentos eram mais rasgadamente liberaes, pois á sua organização não só se mostrava contrario todo o corpo cathedra-tico, mas até o proprio governo.

Mendes Leite, cujos sentimentos politicos já eram então o que são hoje, foi dos primeiros a alistar-se, e

(1) Apontamentos biographicos de Francisco de Paula d'Azeredo, conde de Samodães, compilados e publicados por F. d'Azeredo Teixeira d'Aguillar, conde de Samodães, pag. 170.

completa que foi a organização do batalhão ficou fazendo parte da 6.^a companhia, de que era commandante o tenente de caçadores 7, João Arsenio Judice Bicher.

No dia 26 de dezembro sahio de Coimbra aquelle batalhão para a Beira a unir-se ás forças do general Azeredo, que marchava já em perseguição do marquez de Chaves. Por ordem d'aquelle general foram os academicos guarnecer Vizeu, pois que, apesar do seu animo e enthusiasmo, escreve o snr. conde de Samodães, mal podiam supportar a violencia das marchas, os bivagues e as inclemencias da estação invernosa no paiz mais frio e desabrido de Portugal. (1)

Foi curta a campanha, mas nem por isso deixaram de ser importantissimos os serviços prestados á causa da liberdade pelos bravos voluntarios academicos, serviços esses, cuja apologia foi feita na sessão da camara dos deputados de 16 de março de 1827 pelos deputados A. A. Claudino, Magalhães, Borges Carneiro, Aguiar, Barreto Feio, Gama Lobo e Gonçalves d'Azevedo.

Mandado dissolver o batalhão academico pelo general Azeredo, Mendes Leite voltou para Coimbra onde continuou nas suas lides escholares.

Havendo o Infante D. Miguel desembarcado em Lisboa em 22 de fevereiro de 1828 e jurado a Carta Constitucional como *logar-tenente* de seu irmão D. Pedro, dissolveu a camara dos deputados por decreto de 16 de março, e ordenou outras medidas, que desde logo deram a conhecer os desejos que ha muito alimentáva de se fazer acclamar rei.

(1) Obra citada, pag. 181.

A todas as camaras do paiz foram dirigidas circulares insinuando-as a que representassem ao regente a fim d'este convocar os *tres estados* para declararem a quem de direito pertencia a corôa.

Mal foram conhecidas aquellas resoluções, os constitucionaes pensaram logo em reagir, desenrolando mais uma vez a bandeira da liberdade.

Arriscada era a lueta e bem incertos os seus resultados, pois faltava-lhes o apoio do governo que de constitucional só tinha o nome, e a sua preponderancia no exercito quasi que havia totalmente desaparecido, taes eram as medidas de rigor postas em pratica pelo Infante.

Para o Porto olhavam como unica taboa de salvacão, pois os acontecimentos de 1820 ainda estavam de tal fórma vivos na memoria de todos, que facil era conhecer que a heroica cidade se não deixaria manietar de braços cruzados, pelos inimigos da liberdade. Não era fallaz a esperanza, mas a iniciativa do grande feito não lhe coube d'esta vez, mas sim á cidade que com justificado orgulho se presa de haver sido berço do nosso biographado.

«Nas visinhanças de Aveiro se confederou, apenas teve lugar a dissolução da camara dos deputados, escreve o snr. Simão José da Luz Soriano, uma pequena reunião de constitucionaes decididos, d'onde partiu sempre como foco de liberdade um raio de luz, que illuminou todas as pessoas d'uma pura crença nos principios da legitimidade e da carta, e sobretudo os commandantes e officiaes de varios corpos, que, tendo escapado até então ás diligencias, ordenadas pelo governo de Lisboa, não podiam ignorar o desastroso futuro que lhes estava imminente pelo seu bom espirito, manifestado durante a regencia da infanta D. Isabel Maria». (1)

(1) *Historia do Cerco do Porto*, tom. 1, pag. 240.

Aquellas reuniões tinham logar na casa da Quinta dos Santos Martyres, no Alboi, e eram presididas quasi sempre pelo desembargador Francisco Lourenço d'Almeida. O local da reunião dos constitucionaes já havia servido para identicos fins desde 1820 a 1823, habitando então ali o desembargador Caetano Brandão, d'Estarreja, que era quem agora ainda trazia arrendada aquella propriedade.

Foi n'aquella pequena casa, de que hoje apenas restam tristes ruinas, que se organisou a grande revolução constitucional. As amiudadas reuniões que ali tinham logar eram sabidas de muitos, de fórma que hoje, passados cincoenta e tantos annos, aquelle local é citado com terror por uma parte do nosso povo, que por altas horas da noite imagina ver sahir d'ali espectros medonhos que elle diz serem as almas dos *pedreiros-livres*, que outr'ora ali se reuniam. O fim a que visavam taes reuniões, porém, era ignorado por quasi todos, tal era o segredo guardado.

Havendo-se posto ponto na Universidade na faculdade de leis, em principio de maio de 1828, Mendes Leite achava-se em Aveiro, onde havia vindo com o unico fim de visitar seu pae, quando na manhã do dia 16, na praça do commercio d'esta cidade, o desembargador e ex-deputado Joaquim José de Queiroz levantou o grito de revolta a favor da rainha D. Maria II, grito que foi seguido pelo pronunciamento do batalhão de caçadores 10 que aqui tinha o seu quartel e de que era commandante o tenente coronel José Julio de Carvalho.

«Aveiro, escreve Sorianno, foi pois a primeira cidade onde appareceu de facto o primeiro grito de guerra contra as pretensões de D. Miguel.» ⁽¹⁾

«Os revoltosos, continúa o mesmo escriptor, declararam o infante por então privado, e decahido da

(1) Obra citada, tom. 1, pag. 240.

regencia pela perfidia da sua conducta, e premeditada usurpação, e lavrado na camara municipal o auto da nova aclamação de D. Pedro, d'ali partiram os sublevados para o Porto com tenção de se unirem á respectiva guarnição d'esta cidade, que em resultado das combinações anteriores, devia ter secundado o movimento de Aveiro». (1)

Um dos primeiros a assignar aquelle auto (risgado e trancado em virtude de aviso expedido pela secretaria dos negocios da Justiça, em 11 de dezembro de 1828), foi o pae de Mendes Leite, que na qualidade de vereador mais antigo estava fazendo as vezes de juiz de fóra, por este se achar ausente. Mal teve logar a revolução, Mendes Leite quiz partir immediatamente para Coimbra a fim de se alistar no batalhão academico que de certo ali se havia de organizar, logo que aquella cidade adherisse ao movimento revolucionario que aqui acabava de ter logar. A realisação d'este desejo oppoz-se, porém, tenazmente seu pae, que queria por esta fórma tirar desforra de uma falta que na sua opinião Mendes Leite havia commettido para com elle. Esta falta, era o ter-lhe elle occultado que se preparava a revolução para o dia 16, porque, tendo elle sentimentos politicos diametralmente oppostos aos de seu filho, não desejava por fórma alguma sancionar com a sua presença o acto da aclamação que se acabava de realisar. Bento José Mendes Guimarães, acreditando depois que se Mendes Leite nada lhe communicára é porque ao tempo da revolução nada sabia, consentiu afinal que partisse para Coimbra como elle muito desejava.

Na manhã do dia 22 de maio foi fixado na Universidade um edital do vice-reitor Antonio Pinheiro d'Azevedo e Silva, mandando fechar a mesma Universidade e sahir de Coimbra todos os estudantes no prazo de 24 horas. Mendes Leite, que já se achava

(1) Idem.

em Coimbra, não cumpriu as ordens do vice-reitor como era natural, porque, fazendo-se n'esse mesmo dia ali a revolução, foi dos primeiros novamente a alistar-se no batalhão de voluntarios academicos que dias depois se organisou, em que ficou sendo praça da 3.^a companhia de que era commandante o alferes Antonio Augusto Ricaluga.

Em meados de junho foi Mendes Leite encarregado d'uma diligencia espinhosissima, que era o acompanhar um bravo official absolutista gravemente ferido, que das cadeias de Coimbra era mandado para a Relação do Porto, havendo graves suspeitas de se tentar assassinal-o durante a viagem. Os desejos dos sicarios não poderam ser satisfeitos, graças á energia e providencia adoptadas por elle.

No mesmo dia em que no Porto desembarcavam do vapor Belfast os generaes Saldanha e Stubb conjuntamente com o duque de Palmella, conde de Ficalho, etc. chegava ali Mendes Leite no desempenho d'aquella diligencia.

Na madrugada de 28 de junho sahiu Mendes Leite do Porto, acompanhando uma grande remessa de polvora com destino ao exercito; mas chegando aos Carvalhos teve de fazer alto e retroceder para aquella cidade, por se ouvir já distinctamente o fogo na Ponte do Marnel e se confirmar a noticia de que o exercito marchava em retirada.

Batido o exercito constitucional e dissolvida a Junta do Porto, Mendes Leite marchou com o resto das tropas fieis em demanda do exilio. No dia 6 de julho entrou na Galliza, e depois de haver passado conjuntamente com os mais emigrados os maiores incommodos e privações, embarcou no Ferrol com destino a Inglaterra indo desembarcar em Falmouth a 7 de setembro. Pouco depois do seu desembarque partiu para Londres e d'ahi para Plymouth a fim de se apresentar no deposito que o duque de Palmella havia organizado sob o commando do tristemente celebre Candido José Xavier.

É bem negra a historia da emigração, mas está por escrever ainda, e o mais provavel é que fique tal como está. Não houve desgraça nem miseria que a maioria dos emigrados não sentisse, sendo por muitas vezes a fome e o frio seus feis alliados.

Mendes Leite não passou felizmente por muitas d'aquellas provações, graças aos soccorros que a custo seu pae lhe enviava, e que valeram a este o ser encarcerado nas enxovias da cadeia d'Aveiro; mas ainda assim não deixou de compartilhar as desditas dos demais emigrados, porque, se não teve por quartel o celebrado *barracão*, obrigaram-n'o a fazer serviço a bordo dos navios que se achavam fundeados em Plymouth por conta do deposito e que eram, como affirma o snr. Sorianno, verdadeiras persigangas.

Em quanto que isto succedia na Inglaterra, em Portugal era Mendes Leite mandado riscar perpetuamente da Universidade por os seus sentimentos liberaes e por haver pertencido ao batalhão academico, isto por aviso de 28 de março de 1829, dirigido pelo ministro de D. Miguel, D. Francisco Alexandre Lobo, ao vice-reitor o dr. Antonio Pinheiro d'Azevedo e Silva.

Depois da acção do Pico do Celleiro haver posto toda a ilha Terceira em poder dos constitucionaes, começaram a partir para ali os emigrados que se achavam em Plymouth vindo a final a dissolver-se o deposito.

Mendes Leite não fez parte de nenhuma das expedições para a Terceira; não porque o não desejasse, mas sim porque o seu nome, do mesmo modo que o de muitos outros, nunca foi incluído na lista dos que deviam partir. Este exclusivismo não se limitou só a elle, estendeu-se a muitos outros emigrados, pois « parece que accintosamente se impediam os mais sinceros e convictos liberaes de tomarem a defeza da sua causa. » ⁽¹⁾

(1) *Garrett*, memorias biographicas, por F. Gomes d'Amorim, tom. 1. pag. 504.

«Ha-de parecer inverosimil, dizia Garrett, que fossem necessarios empenhos para se ir morrer pelos direitos de uma rainha que andava pelas côrtes estrangeiras mendigando as boas graças da diplomacia, e não queria, ou antes não lhe deixavam querer o auxilio efficaç dos seus subditos, d'aquelles que nada lhe pediam, além da permissão de arriscarem a vida por ella, e que por fim lhe restituiram o throno com pezar talvez dos que a rodeavam e dirigiam. Sollicitavam-se logares n'essas perigosas expedições dos Açores, como se se pedissem rendosos empregos ou honras singulares; mas os directores attendiam de preferencia os pretendentes de côr duvidosa, de principios e consciencia elastica; e se alguma vez tomaram nota dos austeros e intransigentes era para os excluir sempre». (1)

Pelo que fica dito se vê a razão por que Mendes Leite se conservou na Inglaterra até que D. Pedro, organisando a expedição dos sete mil e quinhentos bravos, partiu dos Açores com destino a Portugal. Logo que em Plymouth se recebeu a noticia de que a esquadra constitucional havia levantado ferro, Mendes Leite com outros emigrados que ali se achavam, fretou um vapor que os levasse a compartilhar os perigos da expedição cujos destinos ignoravam. Depois de haverem tocado em Falmouth, onde receberam diversos emigrados que os quizeram acompanhar, chegaram ao Porto onde desembarcaram nos fins de julho de 1832.

Havia dias que se tinha dado a acção de Ponte Ferreira, e D. Pedro, conhecendo em vista do resultado d'ella, que a causa de sua filha jámais podia ser ganha a não ser á força de combates, resolveu augmentar por todas as fórmas possiveis o seu exercito e pensou seriamente tambem em fortificar o Porto.

Mendes Leite, que logo á sua chegada se havia

(1) Ibidem, pag. 505.

alistado novamente no batalhão de voluntarios academicos em que ficou tendo o n.º 150, conhecendo que a arma de artilheria havia de ser aquella que nas actuaes circumstancias podia prestar mais serviços á causa da liberdade, pediu para fazer parte da companhia dos artilheiros, o que promptamente lhe foi concedido.

Uma das grandes necessidades do exercito constitucional era a falta quasi absoluta de cavallaria. Querendo-se remediar em parte este mal, tratou-se de mandar a Inglaterra Neuttel Corrêa de Mesquita, irmão do valente general Barão de Mesquita, com o fim de fazer uma grande compra de cavallos e arreios. Aquelle cavalheiro promptificou-se a partir logo que o acompanhasse Mendes Leite, na qualidade de commissario do governo, o que com effeito teve logar em meado de setembro, em virtude d'uma portaria expedida pela secretaria dos negocios da guerra e referendada por Agostinho José Ereira.

Depois de estar um mez e tanto em Inglaterra, Mendes Leite regressou a Portugal, entrando no Porto no dia 23 de novembro, debaixo d'uma cerração de bombas e granadas, a bordo do brigue inglez *Adelaide*, que transportava os cavallos e arreios que Mesquita havia sido encarregado de comprar.

Foi este o primeiro e ultimo navio que entrou n'aquella cidade depois de estabelecido o bloqueio, arrojado que fez com que o governo condecorasse Mendes Leite com o grau de cavalleiro da Torre e Espada, mercê que não acceitou por não julgar feito militar o acto que por iniciativa sua se acabava de praticar.

Logo em seguida ao seu regresso ao Porto, Mendes Leite foi um dos voluntarios academicos escolhidos para fazer parte da guarnição da Serra do Pilar. Ali militou com notavel valor, durante sete ou oito mezes, sob as ordens do velho general Torres, tomando parte em todos os combates e escaramuças, de que foi alvo aquelle inexpugnavel baluarte da liberdade desde novembro de 1832 até julho de 1833.

Organisada a expedição do Algarve sob o com-



mãdo do bravo duque da Terceira, coube-lhe tambem a gloria de ser um dos academicos escolhidos para formar a guarnição da bateria de campanha que devia acompanhar a expedição.

No dia 14 de junho de 1833, estava já Mendes Leite a bordo da fragata *Rainha*, em que fez a viagem até o Algarve; tendo por toda a accommodação uma vella estendida por baixo da meia coberta e por passadio uma razão de porão. (1)

Pelas 3 horas do dia 23 desembarcavam as forças constitucionaes em Cacella, entre Tavira e Villa Real de Santo Antonio, iniciando ahi a sua marcha triumphal sobre Lisboa, onde entravam em 24 de julho, depois de haverem derrotado e morto em Cacilhas o general Telles Jordão.

Apoz a victoria veio a doença, de fórma que Mendes Leite, durante muitos mezes não poude compartilhar dos perigos e triumphos dos seus valentes camaradas. Em principios de maio de 1834, achando-se em Leiria com as forças constitucionaes commandadas pelo tenente-coronel Vasconcellos depois visconde de Leiria, obteve licença para vir a Aveiro, onde chegou no dia 13. Não foi longa a sua demora aqui e nem o podia ser, pois ainda não estava de todo terminada a lucta. No dia 18 partiu para Coimbra, onde foi encontrar a noticia da victoria alcançada pelo exercito constitucional nas alturas d'Asseiceira.

Assignada a convenção d'Evora Monte, foi mandado dissolver o batalhão academico por o seguinte decreto, documento honrosissimo para todos os que tiveram a dita de n'elle se alistarem :

« Ministerio da guerra — 2.^a Repartição — 4.^a Secção. Tendo felizmente acabado as circumstancias que deram logar á organisação do corpo academico, e sendo

(1) *Historia do Cerco do Porto*, por o snr. S. J. da Luz Sorriano, tom. II, pag. 197.

justo que as praças que o compõem sejam dispensadas do serviço militar, a que tão nobremente se votaram, para que possam regressar aos seios de suas famílias, gozar dos benefícios da paz e resultado dos seus nobres esforços, ou proseguir na carreira das letras que haviam abandonado para defender com as armas a legitimidade e a rainha: hei por bem, em nome da Rainha, determinar que o sobredito corpo de voluntarios academicos fique dissolvido no dia 20 do presente mez, mandado por esta vez louvar, como já por muitas vezes tenho feito, as provas decididas de valor e reconhecido patriotismo com que em tantas occasiões souberam realçar os seus bons serviços em defeza de tão sagrada causa, e assegurar-lhes que serão tomadas na devida consideração em todas as pretensões que fizerem a minha imperial presença. O ministro e secretario dos negocios da guerra o tenha assim entendido e faça executar. Paço de Queluz, em 16 de junho de 1834. *Duque de Bragança. — Agostinho José Freire* ».

Em outubro de 1834 matriculou-se Mendes Leite na Universidade no 4.º anno de leis, por isso que tinha sido dispensado do exame do 3.º anno pelo decreto de 8 de março de 1833, referendado por Candido José Xavier, que concedeu *perdão d'acto* aos academicos que se haviam alistado nas bandeiras da liberdade. Durante este anno e o que se lhe seguiu, habitou no collegio de S. Jeronymo com José Estevão. Em 1836 formou-se nas duas faculdades de *canones e leis*, e por decreto de 13 de setembro foi nomeado secretario geral do Districto d'Aveiro, logar que exerceu até junho de 1838, em que pediu a sua exoneração.

Em 1839 foi eleito presidente da camara municipal d'Aveiro, e no anno seguinte a guarda nacional d'esta mesma cidade escolheu-o para seu commandante.

Nas eleições geraes de 22 de março de 1840 foi eleito deputado pelo circulo d'Aveiro conjunctamente com José Estevão, Fillippe Pereira Brandão e Ma-

noel Baptista da Rocha Colmieiro, sendo de todos o mais votado, pois teve cinco mil e quarenta e cinco votos.

Abertas as camaras em 25 de maio, Mendes Leite tomou assento nos bancos da esquerda e tractou com José Estevão de publicar logo um jornal em que se manifestassem os seus principios opposicionistas. No dia 22 de junho sahio o primeiro numero do jornal, que era a *Revolução de Setembro*, cuja propriedade e redacção era exclusivamente d'ambos; sendo o seu programma politico o seguinte :

« Queremos uma constituição popular; um rei sem arbitrio; uma representação extensa; uma familia social; nacionalidade segura; administração sem opprimir; authoridade com confiança; centralisação com fôrmas; justiça com independencia; fazenda regulada; despezas com economia; tratados com industria; reciprocidade sem perdição; ordem sem enthusiasmo; e liberdade sem sophismas.

« Tudo isto nos deu a *Revolução de Setembro*: tudo conquistámos com armas e com leis; e é essa conquista que defendemos: o fim é justo, os meios são legais; e o paiz ha de ouvir-nos, e Deus ajudar-nos. »

A redacção politica do jornal era, como dissemos, exclusiva d'aquelles dois cavalheiros; porém, o nome de nenhum d'elles figurava no corpo do jornal.

Só em 1850, em consequencia da celebre lei da imprensa de 3 de agosto, conhecida vulgarmente pela lei *das rolhas*, começou a ler-se na *Revolução de Setembro* de 5 de outubro em diante: — Responsavel A. R. Sampaio, typographia de M. J. Mendes Leite. Antonio Rodrigues Sampaio, actualmente presidente do conselho de ministros, ministro do reino e a maior gloria do jornalismo portuguez, logo depois de fundado o jornal foi convidado por José Estevão para entrar para a redacção, ficando a seu cargo a politica estrangeira e o noticiario. Passado tempo ficou sendo redactor

principal e mais tarde seu proprietario, tambem por cedencia feita por os seus fundadores.

Proclamada officialmente a restauração da carta constitucional em 10 de fevereiro de 1842 foi dissolvida a camara dos deputados por decreto de 10 de fevereiro, que mandou proceder a novas eleições para 19 de junho d'esse anno. A opposição, pôde-se dizer, que abandonou então a lucta eleitoral, pois foi apenas á urna na Extremadura e no Alentejo. As prepotencias e arbitrariedades postas em acção pelo governo obstaram a que Mendes Leite e outros membros illustres do partido progressista fossem eleitos deputados.

Contra aquelle ministerio organisou-se logo uma colligação entre todos os partidos opposicionistas. Formada pelos setembristas, caristas, dissidentes e miguelistas, tinha por orgão na imprensa o jornal a *Coalizão*, e propunha-se combater por todas as vias legais a restauração da carta e os seus restauradores. A urna eleitoral foi o campo escolhido para a lucta. As eleições eram a bandeira sob que se agrupavam os diferentes partidos colligados, ficando, porém, salva a cada um d'elles a sua *integridade de opiniões*.

A opposição colligada fez uma guerra tenacissima ao ministerio. Derrotada nas eleições supplementares de 1843, graças ás violencias eleitoraes e ás bayonetas com que Costa Cabral mandou cercar as urnas, appellou para a revolta. Os meios constitucionaes estavam de todo esgotados. As vozes aliás potentes de José Estevão, Garrett, Rodrigo da Fonseca, barão de Chancelleiros, Mousinho de Albuquerque e Silvestre Ribeiro, que no parlamento combatiam o governo eram abafadas pelo facciosismo de uma maioria enorme. Persuadida que não havia outro meio de derrubar a situação, senão appellando para as armas, a opposição

resolveu que se tentasse uma revolta militar, formando-se para isso em Lisboa uma *comissão central*. Mendes Leite foi um dos membros mais activos e entusiastas d'esta comissão. Encarregado por ella de sublevar uma parte do norte do paiz veio por varias vezes ao Porto conferenciar com diversos progressistas influentes, principalmente com Antonio Bernardo Ferreira, que era quem se havia compromettido a dar o dinheiro preciso para se sublevar a guarnição d'aquella cidade.

Em dezembro de 1843 veio tambem a Vizeu com o fim de vêr se conseguia a adherencia de infantaria 14 á revolta que se projectava. Descoberta a sua estada alli e bem assim o fim que ella visava, procurou-se por todos os meios a sua captura, não faltando até quem o desejasse assassinar. Havendo sido avisado do perigo imminente que corria, conseguiu fugir salvando-se quasi que milagrosamente, pois que, se não fosse a sua muita coragem, e o acaso ter feito com que se não tivesse mandado vigiar a estrada que d'aquella cidade se dirige ás Talhadas, o que succedeu com as demais, decerto teria sido victima da sua dedicação.

Em janeiro de 1844 voltou ao Porto, por Antonio Bernardo Ferreira exigir a sua presença alli, afim de se effectuar a revolução no dia 27, para o que dizia ter tudo preparado e prompto. Aquelle cavalheiro havia sido illudido na sua boa fé, a officialidade dos differentes corpos com que elle contava estava muito longe de adherir á revolta. Mendes Leite tentou remedear o mal, mas já era tarde. Pediu e instou com o general Moniz, depois barão de Palme, a quem apresentou cartas do irmão, o bispo do Algarve D. Antonio Bernardo, para elle se pôr á frente do movimento, mas nada conseguiu. Vendo a impossibilidade de se levantar o grito no Porto, dirigiu-se a Braga, acompanhado do celebre conego Monte Alverne, afim de revolucionar o regimento d'infanteria 8, para o que tinha um documento assignado por todos os officiaes em que estes se compromettiam a revoltar-se, logo que no acto da

revolução houvesse dinheiro para pagar aos soldados o pret atrazado, a certeza de que seriam feitos officiaes os sargentos que se tornassem mais salientes na revolta, e quem tomasse o commando do regimento.

Para satisfazer as primeiras condições estava Mendes Leite habilitado com uma letra de quatro contos de reis e uma carta do conde do Bomfim que devia ser o futuro ministro da guerra. Com relação, porém, ao general que se devia pôr á frente do movimento é que teve de luctar com sérias difficuldades, sendo sem duvida a sua falta a causa de elle se não effectuar, pois debalde tentou o commandante da 4.^a divisão e bem assim o barão d'Almargem.

Frustrada a revolta em Braga, foi a Valença vêr se conseguia sublevar caçadores 7. Entabou negociações com a officialidade, mas quando tudo lhe agourava feliz resultado, houve noticia n'aquella praça de que em Torres Novas Cesar de Vasconcellos com o regimento de cavallaria 4 havia levantado o grito de revolta e que se procurava sublevar tambem caçadores 7. O governador tomou logo as mais inercias providencias, e Mendes Leite teria sido preso se a tempo não houvesse fugido para Tuy, onde preso foi tambem, logo que alli chegou, por não apresentar passaportes. Estava por tanto malograda a revolta na provincia do Minho. As forças sublevadas na Extremadura e no Alentejo, não havendo sido secundadas por diversos corpos que a isso se tinham comprometido, marcharam sobre Almeida, onde afinal tiveram de capitular, como é bem sabido.

Mendes Leite, depois de haver sido preso em Tuy, foi removido para Redondella. D'aqui conseguiu depois passar a Vigo, onde, auxiliado pelo consul portuguez Ortega, embarcou clandestinamente no vapor inglez *Lady Mary Wood* com destino a Gibraltar. O vapor fazia escala por Lisboa, onde entrou no dia 6 de março. A noticia de que Mendes Leite estava a seu bordo espalhou-se rapidamente, produzindo a maior alegria entre os seus amigos, que correram logo a vel-o, e o maior

desespero do governo, que o julgava preso em Tuy e que assim o havia communicado na folha official de 21 de fevereiro. O ministerio pediu logo auctorisação ao ministro inglez para o mandar prender ; porém, oppondo-se este, vingou-se ordenando a prisão de todos os cavalheiros que de terra o haviam ido abraçar. Triste vingança.

Estando Mendes Leite em Gibraltar, foi pedida por diversas vezes a sua extradicação pelo consul portuguez, que em nome do seu governo allegava que a estada d'elle alli era perigosa para a paz das duas nações.

Em 18 de maio deixou Mendes Leite aquella cidade, embarcando no vapor inglez *Liverpool* com destino a Southampton, onde desembarcou.

Em fins d'agosto partiu para França, indo estabelecer a sua residencia em Paris, onde viveu em uma casa na rua Laffite n.º 20 com José Estevão até maio de 1846, em que regressou a Portugal. Durante a sua estada alli, tractou de perto com muitas das maiores capacidades e illustrações da França, pois teve a fortuna de ser apresentado nos primeiros salões da grande capital pela snr.^a baroneza de Regalleira.

A revolução popular de maio de 1846 abriu-lhe as portas da patria. Amnistiado, bem como todos os cavalheiros que haviam tomado parte no movimento de Torres Novas, por decreto de 29 d'aquelle mez, fez a sua entrada em Lisboa n'um dos primeiros dias de junho, no meio d'um enthusiasmo delirante por parte da população da capital, que de toda a parte correu pressurosa a saudar as illustres victimas da tyrannia. No salão nobre do theatro de D. Maria II offereceu-lhe o commercio de Lisboa um banquete em nome do povo da mesma cidade, que tambem espontaneamente se havia illuminado no dia da chegada d'elles.

O ministerio Palmella, que por decreto de 23 de maio de 1826 havia dissolvido a camara dos deputados, convocou os comicios eleitoraes para 11 d'outubro. Mendes Leite propoz-se a deputado pelo circulo d'Aveiro, e decerto obteria aqui um grande triumpho, se o golpe d'estado de 6 d'outubro não viesse obstar ás eleições que se preparavam, e que sem duvida seriam as mais liberrimas que até então se tinham feito em Portugal.

A nova da embuscada foi transmittida para as provincias por um telegramma do administrador de Villa Franca de Xira. No dia 8 recebeu-se a noticia em Coimbra, e n'esse mesmo dia em Aveiro. Eram 10 horas da noite, estando reunidos em casa de José Estevão diversos cavalheiros affectos aos partido popular, fazendo listas para a proxima eleição de deputados, chegou ahi o snr. Alberto Ferreira Pinto Basto, e chamando á parte Mendes Leite, que estava presente, communicou-lhe que acabava de receber uma carta de seu irmão Augusto (o snr. Augusto Ferreira Pinto Basto), em que lhe annunciava que o ministerio havia sido demittido e que aquella cidade se preparava para resistir ao que se havia praticado em Lisboa.

Mendes Leite sobresaltado, mas não surprehendido, pois conhecia de sobra o animo faccioso da rainha e as diligencias empregadas pelo partido cabralista, para de novo empolgar o poder, sahi immediatamente. Montando em seguida a cavallo, foi a Agueda esperar a chegada do correio, afim de se certificar do que se havia passado em Lisboa e do que era mister fazer. A's 8 horas da manhã do dia 9 estava de volta em Aveiro. Reunidos alguns patriotas, no governo civil, que então era nas casas que hoje são dos snrs. Taveiras, no Alboy, Mendes Leite, d'accordo com o governador civil o snr. Custodio Rebello de Carvalho, actualmente par do reino, decidiu que Aveiro se declarasse desde logo em rebellião contra o novo gabinete, organisando para isso batalhões moveis em todos os concelhos do districto, e tomando-se outras pro-

videncias para o triumpho da causa popular. Ao meio dia sahiu para Coimbra, onde, depois de conferenciar com o governador civil marquez de Loulé, voltou a Aveiro. No dia seguinte partiu para a Villa da Feira, onde organisou um batalhão nacional movel, partindo depois para o Porto, afim de auxiliar a junta que ahi se havia organizado. N'aquella cidade prestou Mendes Leite valiosissimos serviços á causa popular.

José Passos e os demais membros da junta pediam muitas vezes o seu conselho, reunindo-se nos aposentos que elle occupava no *Hotel Real* na rua do Bomjardim, e que alguns patriotas apellidavam o *quarto dos jacubinos*. Mendes Leite foi então por diversas vezes encarregado de bater os populares que em Carvoeiro, Castello de Paiva e outros pontos haviam levantado o grito da revolta a favor de D. Miguel.

Em março de 1847 resolveu a junta do Porto reforçar a divisão do conde de Mello, que se achava em Portalegre, com uma brigada de mil e cem homens sob o commando do visconde de Sá da Bandeira. Toda esta força, que se compunha do regimento de fusileiros da liberdade, um contingente do batalhão academico e dois batalhões de voluntarios, embarcou nos vapores *Porto* e *Mindello*, que levantaram ferro e sahiram a barra no dia 28.

A junta, de accordo com o visconde de Sá, fez acompanhar a expedição d'alguns cavalheiros mais dedicados á causa popular, que, pela sua posição e serviços, podessem appanar e resolver quaesquer difficuldades que por acaso surgissem. Aquelles cavalheiros formaram uma especie de junta succursal sob a presidencia do valente general, sendo o snr. Anselmo José Braamcamp encarregado dos negocios civis, J. J. Affonso Vianna dos da guerra, e Mendes Leite dos da marinha.

Não se podendo effectuar o desembarque em Setubal, o visconde de Sá dirigiu-se para Lagos, onde aportou na tarde do dia 29. Desejando «certificar-se até que ponto era observada a declaração feita pelo go-

verno inglez no parlamento, de que na questão portugueza guardaria os principios de uma stricta neutralidade», mandou sahir no dia 4 com destino a Gibraltar conde da Taipa, acompanhado por Mendes Leite, no vapor *Porto*, com tres peças e oitenta homens de guarnição. O conde era portador d'uma carta do visconde de Sá para o general inglez sir Robert Wilson, a que este se não dignou responder, o que logo fez crear a Mendes Leite graves suspeitas, que se não podia confiar nas promessas do general inglez, e n'essa persuasão ordenou a sahida immediata do vapor com destino a Tanger. A energica resolução de Mendes Leite, verdadeiro contraste com a tibiesa d'aquelle titular, deveu-se o não ser aprisionado e entregue ao governo de Lisboa aquelle navio.

Havendo o visconde de Sá feito junção com as forças do conde de Mello, entrado em Setubal, no dia 16 d'abril, depois de haver atravessado uma parte do Algarve e do Alentejo, foi-se-lhe reunir Mendes Leite, que no desempenho dos negocios da marinha a seu cargo se houve com acerto e a costumada energia.

Mendes Leite, dada a acção do Alto do Viso, a que assistiu, e entabuladas as negociações para um armistício entre as forças populares e as da Rainha, negociações em que teve parte muito importante, pois foi encarregado de redigir conjunctamente com o snr. Anselmo José Braamcamp algumas das notas trocadas com os coroneis inglezes Fitch e Wild, foi mandado ao Porto pelo visconde de Sá.

Mendes Leite encarregou-se de expôr á junta, e especialmente ao conde das Antas, a necessidade urgente de se enviar uma nova expedição ao sul, afim de secundar o visconde de Sá em qualquer movimento sobre Lisboa. Dias depois decidia-se a partida da expedição do conde das Antas a Lisboa, o qual no dia 30 embarcava á frente de perto de quatro mil homens da melhor tropa da junta.

No dia seguinte, 31 de maio de manhã, ao sahir da barra do Porto eram aprisionadas as forças popu-

lares, como é bem sabido, pela esquadra ingleza que fóra estacionava, e conduzidos sob prisão á Torre de S. Julião em Lisboa. Mendes Leite foi um dos prisioneiros, pois acompanhava a expedição tambem, e como tal deu entrada n'aquella fortaleza na tarde de 2 de junho, onde, para vergonha eterna do governo da rainha, foi arvorada a bandeira ingleza.

Como nos propomos, por agora, escrever só a biographia de Mendes Leite, nada mais diremos sobre os successos que tiveram logar em seguida ao aprisionamento da esquadra, a não ser que aquelle cavalheiro só foi posto em liberdade depois que a convenção de Gramido terminou de todo a lucta.

«Nos principios do verão de 1848, quando em França, escreve o snr. Bulhão Pato, a republica decretava a abolição da pena de morte pela bocca sagrada de Lamartine, no Hotel de Ville, em Lisboa o governo cabralista inventava a conspiração das víboras e mettia no Limoeiro Manoel de Jesus Coelho, Mendes Leite, Nazareth, etc.»

Aquella conspiração foi pura invenção do ministerio presidido pelo marechal Saldanha, e não tinha em vista senão perseguir por todas as formas os principaes influentes da opposição. O nome de conspiração das *Hydras* e não das víboras, como diz o illustre escriptor que acabamos de citar, proveio de Saldanha dizer no parlamento que havia de esmagar com mão de ferro a *hydra revolucionaria*.

Era grande o numero dos suppostos conspiradores, e contra José Estevão, Oliveira Marreca e outros, passou-se tambem ordem de prisão; mas, prevenidos a tempo, conseguiram illudir as vistas da policia. Mendes Leite foi avisado de que ia ser preso, mas confiado em que não havia commettido crime algum, e bem assim que não estavam suspensas as garantias, deixou-se ficar, o que fez com que fosse preso junto á Horta Secca no dia 17 de junho e conduzido ao quar-

tel da guarda municipal e de lá ao Limoeiro, onde ficou incommunicavel. Conjunctamente com elle foram presos os snrs. Manoel de Jesus Coelho, Antonio José Duarte Nazareth, Luiz Diogo Leite, Joaquim da Fonseca e o tenente coronel Francisco Pereira da Horta, que depois de presos foram pronunciados sem fiança. Aggravando para a relação do districto, esta deu provimento ao agravo em 4 de novembro, de fórma que Mendes Leite e os seus companheiros da phantasiada revolta foram postos em liberdade.

Nas eleições geraes de 16 de novembro de 1851 foi Mendes Leite eleito deputado pelo circulo d'Aveiro. A' camara, então eleita, coube a dita de fazer incluir no acto addicional á carta o mais notavel artigo que elle contém e que por si só basta para fazer a gloria d'un povo que se presa de civilisado — a abolição da pena de morte nos crimes politicos. Este artigo não foi proposto pelo governo, como era de justiça que o fosse, mas sim pelo deputado que representava no parlamento a cidade que havia sido a primeira n'este paiz a levantar o grito de liberdade contra a oppressão, grito que lhe custou a vida d'alguns de seus filhos, cujo sangue correu no cadafalso, levantado na Praça Nova do Porto nos dias 7 de maio e 9 d'outubro de 1829. O deputado foi Mendes Leite, a cidade que elle representava — Aveiro.

Foi na sessão de 10 de março de 1852 que Mendes Leite, logo em seguida ao ser approved na generalidade o acto addicional por 67 votos contra 16 apresentou o seguinte additamento :

« É abolida a pena de morte nos crimes politicos.
Fica assim ampliado o § 18 do art.º 145 da Carta ».

Alguns deputados approvaram a proposta, outros combateram-na, entrando n'este numero os ministros.

Os seus argumentos para a rejeição resmiavam-se em quererem que aquelle principio fosse consignado n'uma lei especial que o governo se compromettia a apresentar, e não no acto adicional, como desejava Mendes Leite.

Na sessão de 29 de março, havendo sido dado para ordem do dia o additamento proposto por Mendes Leite, houve larga discussão, em que tomaram parte a favor, além do proponente, os deputados Leonel, C. Ribeiro, Rodrigues Cordeiro, Mello Soares e barão d'Almeirim, e contra os deputados Ferrer e Carlos Bento e os ministros do reino e justiça.

Mendes Leite sustentou brilhantemente a sua proposta, allegando que não era um favor que pedia para qualquer partido, mas uma garantia para todos elles, e que era um principio, cuja consagração nas leis fundamentaes já tinha um precedente, pois que a França o inserira na constituição de 1848; e que não havia inconveniente algum em ser inserido tambem no *Acto adicional*, porque uma lei regulamentar desenvolveria o mesmo principio, assim como as leis regulamentares tem desenvolvido alguns outros principios que não estavam consignados no *Acto adicional*.

Posto á votação o additamento de Mendes Leite, foi approvedo por 50 votos contra 32, de fórma que é hoje lei do estado, como se vê do art.º 16 do *Acto adicional*.

Dissolvidas as camaras por decreto de 24 de julho de 1852, Mendes Leite foi novamente eleito pelo circulo d'Aveiro, na eleição de 12 de dezembro d'esse anno, conjunctamente com os snrs. D. José Antonio Pereira Bilhano, actual arcebispo d'Evora, e Francisco Antonio de Resende, ha poucos annos fallecido.

Na legislatura de 1856 representou Mendes Leite o circulo da Feira, com os snrs. José Luciano de Castro e Carlos Bento da Silva.

Por decreto de 14 de março de 1860 foi nomeado governador civil do districto d'Aveiro, cargo de que foi exonerado a seu pedido em 15 d'agosto do mesmo anno.

Nas eleições complementares de 1 de março de 1863 foi Mendes Leite eleito deputado pelo circulo de Aveiro, vago pela morte do grande tribuno José Estevão. Em março d'esse anno houve um ou dois jornaes que affirmaram que Mendes Leite tinha votado um certo credito pedido pelo governo, para alcançar d'este uma commissão subsidiada para seu filho. N'uma das sessões da camara dos deputados, Mendes Leite levantou a questão, pulverizando n'um eloquente improviso os seus detractores. D'esse discurso transcreveremos aqui alguns periodos e bem assim do que em resposta pronunciou o snr. ministro da marinha Mendes Leal, para que melhor se avalie a nobreza de character e integridade de principios do nosso biographado. «Sirvo o meu paiz ha muitos annos, disse Mendes Leite, não sei se o tenho servido bem, mas tenho a consciencia de que o tenho servido com desinteresse e dignidade (*muitos apoiados*). Nunca pedi favores a este ministerio nem a nenhum e protesto que nunca os hei de pedir. Os meus serviços estão sufficientemente pagos com duas emigrações, com o Limoeiro e com a Torre de S. Julião (*apoiados*). Outras recomensas deixo-as para os liberaes de hontem, para os liberaes por casualidade. Sei as obrigações que me impõe o sentar-me n'aquella cadeira (*apontando para o antigo logar do snr. José Estevão, onde hoje se senta o snr. deputado*). Hei-de deixal-a tão pura como a encontrei (*muitos apoiados*); e se não posso imitar o meu sempre lembrado amigo, que antes de mim a occupava, em talento, virtudes e illustração, hei-de egualal-o em desinteresse e abnegação ».

«As perguntas que me dirigiu o illustre deputado, disse o snr. Mendes Leal, estou prompto a responder,

não só immediatamente, mas com o alvoroço, que tanto como a s. exc.^a merecem e tem o direito de exigir-a. E não era necessario para os seus amigos, para esta camara, para o paiz, que eu levantasse a voz, porque a perfeita honorabilidade do illustre deputado é muito superior a toda a especie de diffamações apaixonadas e partidarias e a quaesquer insidiosos meios de ataque, meios que á falta d'outros se aproveitam muitas vezes para manchar a integridade e a honra, mas que afinal só recaem sobre aquelles que lançam mão d'elles (*apoiados*) e que muitas vezes se tornam a melhor homenagem e o mais accete testemunho que se pode dar aos homens que pela firmeza das suas crenças se tornam alvo de taes aggressões.

Não é de agora que o illustre deputado se senta n'aquellas cadeiras; ha muito que o parlamento está costumado a vel-o e a respeitá-lo pela sua inteireza, pela sua cordura, pelo seu character; e esta camara e todos nós nos desvanecemos de que s. exc.^a ao nosso lado accettasse do eminente e sempre chorado orador, a quem veio substituir na representação do correspondente districto, a parte da herança que tão nobremente reclama para si».

Por decreto de 29 de setembro de 1871 foi Mendes Leite nomeado governador civil do districto de Aveiro, pela segunda vez, e em 28 d'abril de 1877 pediu a sua exoneração. Por decreto de 6 de fevereiro de 1878 foi nomeado para o mesmo cargo de que pediu a demissão em julho de 1879, e ultimamente por decreto de 30 de janeiro voltou a ser governador civil do mesmo districto.

Da sua administração districtal nada mais dizemos senão que pode ser apontada como um exemplo de intelligente direcção, tolerancia e liberdade.

Mendes Leite foi agraciado por diferentes governos com a *Carta de Conselho*, *Cruz da Torre e Espada*, *Commenda de Christo* e *Medalha das Campanhas da Li-*

berdade, mas nenhuma d'estas mercês accoitou. Não tem, portanto, uma unica condecoração nem titulo honorifico, mas nem por isso o seu nome deixa de ser mais respeitado e venerado. Nunca aspirou a ser nobre como tantos outros que não tiveram pejo de trocarem o nome honrado que herdaram de seus paes, por titulos d'uma nobreza emprestada e ficticia. E já que faltamos em titulos e condecorações, seja-nos licito transcrever aqui algumas linhas de um bello artigo escripto por Mendes Leite no *Campeão do Vouga*, por occasião de Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Maria II visitar Aveiro em maio de 1852:

«Sentimos devéras que para pegar nas varas do paleo fossem escolhidos cavalheiros que são estranhos ao municipio; para esta cerimonia é o ultimo de seus plebeus mais competente, que o primeiro dos nobres d'outro qualquer. A visita era feita a nós, eramos nós que deviamos recebê-la. Se estamos em mingua da nobreza dos pergaminhos, abundamos na que dá a lealdade provada e comprovada com sacrificios e soffrimentos; a que decerto não seria menos agradável á Rainha, por quem esta cidade derramou tanto sangue e verteu tanta lagrima. No meio d'oito empregados ou d'oito defensores do Porto, de que ha já tão poucos, estaria Sua Magestade tão bem como no meio d'oito barões ou d'oito commendadores como para ahi ha tantos. Se não tinhamos oito casacas enfeitadas, tinhamos oito peitos com cicatrizes, e a verdadeira nobreza não está em ter honras, mas em merecê-las».

Julgamos dever terminar aqui a biographia que nos propozemos escrever do homem que para nós, aveirenses, é uma gloria e uma honra. No que ahi deixamos dito não ha sombra de favor ou lisonja, ha a verdade dos factos, não talvez como elles exactissimamente succederam, mas pelo menos como os soubemos

descrever e narrar. Que o publico illustrado e sobretudo o futuro seja juiz imparcial do nosso biographado, foi unica e exclusivamente o fim que tivemos em vista ao escrever estas paginas, que do coração offerecemos ao nosso amigo e padrinho Mendes Leite.

FIM.

bibRIA

OBRAS DO MESMO AUCTOR

Memorias d'Aveiro.

D. Duarte de Menezes, esboço biographico.

O Districto d'Aveiro, noticia geographica, estatistica, chorographica, heraldica, archiologica, e biographica da cidade d'Aveiro e todas as villas e freguezias do seu districto.

A mulher atravez dos seculos, estudo historico sobre a condição politica, civil, moral, e religiosa da mulher: 1.^a parte—sociedades primitivas, China, India, Persia, Assyria, Egypto e Israel.

D. Joanna de Portugal, (a princeza Sancta) esboço biographico.

EM VIA DE PUBLICAÇÃO

Luctas caseiras, 1846-1847.

Aveiro e o seu concelho.